

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.

ASSIGNATURAS: CÔRTE.

ANNO	8\$000
SEMESTRE	4\$000
TRIMESTRE	2\$500

PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO
ANTONIO JOSÉ CARNEIRO GUIMARÃES

ASSIGNATURAS: PROVÍNCIAS.

ANNO	9\$000
SEMESTRE	5\$000
TRIMESTRE	3\$000

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia — RUA DOS LATOEIROS N. 34 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadoza n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez aprovado pela redacção.



2.873
52

ARCHIVO LITTERARIO

DIA 11 DE OUTUBRO DE 1863.

Luiz Ariosto.

Nasceu em Reggio, nos Estados de Modena, em 8 de Setembro de 1474. Seu pai chamava-se Spada e era antigo fidalgo da corte de Ferrara, o qual vendo na adolescente infância de seu filho o desenvolvimento para o estudo, e as lisongeiras esperanças que lhe prodigalizavão seus mestres, concebeu o projecto de o fazer seguir a carreira de magistratura. Ariosto porém aborrecia tanto este estudo quanto amava e se desenvolvia em sua mente a divina inspiração da poesia que a natureza lhe concedeu, elevando seu nome a par de Homero, Vergílio, Camões e Dante.

Ariosto reinou nessa época como irmão de Tasso na poesia, nas paixões e nos infortúnios; a fama de seu nome, talento e glória, foi apregoada por toda a Itália. Na idade de 24 annos o Cardeal Hipolyto de Est o nomeou seu camarista, chmando-o para junto de si, e honrando-o com a sua estima e confiança. Mais tarde porém cahio no seu desagrado, por este o não querer acompanhar a uma expedição, por ter de concluir o seu poema *Orlando furioso*.

Por morte do Cardeal de Est, ao qual sucedeu o Duque Afonso este de novo o honrou com a sua amizade nomeando-o commissario de seus estados, os quaes erão assolados pelo roubo, e infestados por ladrões; o que Ariosto em breve remediu impondo o rigor com justiça, e ocupando com nobre dignidade o cargo para que foi nomeado.

O nome e talento de Ariosto para ficar comprehendido basta só ler o famoso e sublime poema de *Orlando Furioso*, o melhor de suas obras: o qual ninguém o poderá ler sem ficar impressionado pela suavidade e harmonia de seus cantos, e como nós o proclamar um dos poetas mais distintos que deixou immortalizado seu nome, e adornada a historia da patria que o viu nascer, com uma brilhante pagina.

Morreu no fim de uma grave enfermidade com 69 annos de idade, em 6 de Junho de 1533.

Um nobre fidalgo de Ferrara lhe mandou erguer um mausoleo, o qual passado annos, foi substituido por outro de riquissima pedra, que lhe mandou fazer seu neto; obra de primorissimo labor, e de aperfeiçoadão trabalho: para o qual mandou trasladar os restos mortaes de seu avô o grandioso poeta.

DA REDACÇÃO.

LITTERATURA

Gastão e Isabel.

Continuação.

As serenatas repetirão-se, e D. Gastão, já que não podia ver D. Isabel, tinha ao menos o prazer de falar livremente a Lucinda, que podia sahir sem obstaculos, e que se encarregava de suas cartas. O amor de D. Isabel tornou-se tão violento, que ella escreveu o seguinte:

« Antes de vos conhecer, D. Gastão, eu sentia vivamente a solidão e encerro em que passava a vida; mas depois que

vos amo, não penso nesses primeiros motivos de pezar, senão porque elles me impedem de poder receber abertamente as vossas attenções. Minha solidão torna-se-me agradavel, porque nella posso pensar em vós, sem ser distraida; e se me fosse dada agora a liberdade de ver todo o mundo, á excepção de vós, asseguro-vos que não me aproveitaria dessa faculdade. »

Ora, como a idade, riqueza, e nascimento dos dous amantes erão iguaes, um amigo de D. Gastão apresentou-se em casa do pai de Isabel, e lhe pedio para elle a a mão de sua filha. D. Gusmão de Herrera recebeu civilmente esta proposta.

— « Eu nada tenho a observar, respondeu elle, sobre a fortuna e nascimento de D. Gastão, o qual me honra muito com a sua proposta, mas tenho obrigações a cumprir: minha filha está ha muito tempo promettida esposa de meu sobrinho D. Vicente de Guilhem. »

Uma noite n'uma sociedade, ou assembléa, em que se tinha reunido a mocidade de Saragoça para jogar, D. Gastão foi sentar-se por accaso a uma mesa de jogo, onde se achava o seu rival D. Vicente. Suscitou-se uma disputa entre ambos, e D. Vicente provocou tão vivamente o amante de Isabel, que D. Gastão pôde ceder ao seu odio, sem ser provocador. Os dous mancebos sahirão, e baterão-se na mesma rua, ao clarão dos archotes que levavão os seus criados, como se praticava naquelle tempo. Ambos elles esgrimão bem, e ambos erão corajosos: o combate foi longo; mas enfim D. Gastão, apesar de estar ferido, lançou por terra o seu adversario.

« Conduzão-me a casa de meu tio, disse D. Vicente com voz moribunda. »

Suas ordens foram executadas; e quando o tio viu chegar seu sobrinho n'um estado tão desesperado, e soube que tinha sido D. Gastão quem assim o ferira, jurou, que nunca o assassino de D. Vicente seria o esposo de sua filha, e redobrou as suas precauções para a guardar. Com tudo D. Vicente não morreu da ferida; melhorou, mas ficou côxo: então sabendo muito bem que não era amado, e amando também pouco sua prima, sahio de Saragoça sem prevenir seu tio, e foi estabelecer-se em Madrid, onde o chamavão, segundo dízão, outros amores.

(Continua.)

VARIEDADE

Um episodio da vida de Lord Byron.

(Continuação.)

Sim, disse George, aquelle que no gremio da mais alta aristocracia, faz emudecer os poetas da época, aquelle que nos descreve com as mais vivas cores as bellezas da natureza, esse que nos mimosava com algum quadro traçado pela omnipotencia do seu genio.

Muito bem o haveis dito! exclamarão: Lara e Jayme — Walter Scott, deixou de invocar as musas desde que viu que elas se enamoravão mais de Byron que delle — não sabes, amigo? — Walter deixou de fazer versos (1) desde que viu que era campeão com quem ele não podia medir forças.

Entretanto que seus amigos fallavão, Byron conservava os olhos fitos n'uma taça que tinha diante de si, e parecia absorto n'uma contemplação aéria; a taça de que fallamos era, ao que parecia de marfim, e pousava n'um pé de prata, maravilhosamente lavrado, em que se viam duas figuras em meio relevo uma de homem outra de mulher com os braços em redor do pESCOÇO n'um do outro conforme a constellação dos gémeos. Tinha sido até o momento, em que narramos esta verdadeira historia, o copo. se tal nome

se pôde dar a este objecto, por onde tinha bebido o poeta do Tamisa.

Todos os ingleses são excentricos, a meditação naquelle momento, que sobreveia repentinamente a Byron, poderia no meio das nossas reuniões, julgar-se inadmissivel; mas os ingleses estão afetos a isto. O inglez passa da gravidade ao riso e do riso à gravidade, com a mesma rapidez de uma sombra que passa.

Lisongeais-me disse o Lord, todas as ovacões ainda as mais pequenas, apresentão grandes poetas, Jayme disse então: concordo que seja como dizeis, mas falando-vos com franqueza, tenho mais sympathia e predilecção pela poesia hespanhola, que por outra de qualquer nação, neste particular sem exceptuar a nossa, já vedes que não sou egoista. — Dizer-se, continuou, que a poesia não é mais que a cópia fiel da natureza, não sei como se possão apresentar certas alterações que causão profunda impressão no espirito do homem.

Por isso eu gosto mais da cythara hespanhola, do que da lyra teutonica. Deixando amigos por momentos os gracejos, eu rogo-te Byron, nos dês acerca disto a explicação.

Fico-vos obrigado, disse o poeta, farei por ser breve, e terei summo prazer se o que vou expender a tal respeito satisfazer á curiosidade de todos.

— A nossa poesia é melancólica, a Teutonica é de mais ideal; a hespanhola é ardente, arrebata e fascina, a ponto de nos fazer delirar, por exemplo: A nossa musa quasi sempre vagueia por lugares ermos, apraz-lhe a solidão, as praias do mar, e os cemiterios.

A Teutonica, veste-se de roupas misteriosas, também gosta de ir sentar-se nas ruínas dos mosteiros, ou de algum castello feudal, entretanto as suas scenas são mais da alçada do que de cá debaixo.

A hespanhola passeia com garbo por cima de prados esmaltados de rubras flores como o coral, debaixo de um sol igual aos do tropico, recosta-se na barra de uma fonte, com os cabellos soltos pelas espaldas avelludadas, e debaixo das compridas pestanas pretas surgem olhares que lanção faiscas.

Na dextra segura o véo agitando-o ora com voluptuosidade, ora com impetos vertiginosos.

JOSÉ ANTONIO FERNANDES DA FONSECA.

(Continua.)

CHRONICA THEATRAL

Assistimos à terceira recita da Sociedade D. P. Trinta e um de Outubro, que teve lugar a 3 do corrente no theatro de S. Januario.

Fazer aos amaveis leitores uma descrição minuciosa, seria impossivel pela sua extenção, com tudo limitar-nos-hemos a escrever sobre alguns pontos, impondo para isso a imparcialidade, a justica, e não para offendr a digna sociedade nem a nobre directoria.

Serão 8 horas quando nos apresentámos em S. Januario. Ficamos surpreendidos, ao ver a numerosa concurrencia de cavalheiros que reunia em si convidados da escolhida sociedade; os camarotes pela maior parte foram ocupados por familias honestas e decentes, não erão todos aonde se via realçar a belleza, a innocence, e magnifico luxo de elegantes damas. Ao mesmo tempo que nos maravilhou as maneiras affáveis e atenciosas dos membros da directoria e alguns socios, não louvamos o proceder de alguns que trazendo na casaca um disforme topelete como distintivo de mandarim, mandavão entrar seus affeiçoados, sem cartão, querendo metter a Sé na Misericordia, e dando lugar a que mais tarde os convidados de platôa cedessem a acceptar camarotes offertados pela directoria que se achavão desoccupados, por não haver lugar. Senão houvesse camarotes? Se durante o tempo que elles erão ocupados por cavalheiros chegasse a familia a quem pertencião? Não seria uma decepção para a sociedade? Não arguimos por isso ao muito digno presidente o Sr. Rocha Viana, pois temos convicta certeza que os sacrificios feitos por S. S. em proveito e brillantismo dessa sociedade, foi além de suas forças, ao qual a sociedade deve agradecer, pois que sem esse auxilio não daria a Trinta e Um a sua recita.

(1) Tudo quanto aqui se diz é historico.

Em quanto ao desempenho das partes; dizer que todos andarão bem é impossível, assim como que alguns andarão mal seria inútil. A parte de *D. Mem.*, foi desempenhada pelo Sr. Francisco Pedro, julgamos desnecessário dizer que andou magnificamente, porque todos que tiveram visto no palco, a arte, a elegância, e gesticulação que emprega, confirmão esta verdade. *Alvaro*, que foi desempenhada pelo Sr. Miguel, apesar de artista, é digno de elogio, attendendo ao pouco tempo para o estudo de seu papel que segundo nos consta só teve dous ou tres ensaios.

D. Iria, foi desempenhada pela Sra. D. Josephina, a qual muito contrastou com estes, no bom desempenho de seu papel. *Lopo*, foi feita pelo Sr. Vianna, apesar de não ser papel de importância, contudo para jocoso não terá em seu seio a Sociedade outro que não seja o Sr. Vianna, para desempenhar papeis desta ordem, e neste o Sr. Vianna tirou partido que bem lhe compensou o seu trabalho.

Rax-Hamamud, desempenhada pelo Sr. Jayme, não andou como muitos esperavam, diremos pois, que o papel, apesar de estar a seu caráter não estava em suas forças, em quanto ao desempenho. Não desejamos romper ostilidades, por isso que não notamos aqui alguns erros no qual o mesmo senhor terá consciência de ter cahido.

O Sr. Clemente desempenhou a parte de *Fernão*, que nada estava a seu caráter, n'ella andou pecimamente, reproduziu posições extravagantes, que muitas vezes tirou risadas, não querendo offender o amor prorio do Sr. Clemente, contudo aconselhamol-o a abandonar o intento de desempenhar tales papeis, como seja um galá, porque não é para suas forças; e insistir será um arrojo temerario que pôde mais tarde ser compensado a tacão, porque nem sempre ha mesma prudencia.

Na comedia *Perdão d'Acto*, todas as partes farão bem desempenhadas, os Srs. Vianna, Pitta, Jayme, assim como a Sra. D. Josephina, farão quem mais sobresairão, e chamados à scena no fim da comedia, farão entusiasticamente aplaudidos.

Finalisamos dando os nossos parabens

à digna directoria, e particularmente ao Sr. presidente, pela boa ordem que esta empregou na noite do espectaculo, e desejando à nobre sociedade uma prosperidade e aumento, digno do nome que tomou em commemoração ao dia natalicio de D. Luiz I.

A. M.

POESIAS

O meu anjo.

I.

Nestas horas socegadas,
Em que a noite com seu véo;
Deixa ver-nos as estrelas
Scintillando lá no céo,
Recordo-me docemente
Do anjo que me prendeu.

Recordo-me a vez primeira
Que o vi tão sedutor:
A beleza d'esse anjo,
Despertou ao trovador,
A vontade de offertar-lhe
Singellos cantos de amor

Esse anjo foi ingrato,
Meus cantos não quiz ouvir,
Desprezou as minhas trovas,
Queria vêr-me carpir,
E' que elle não sonhava,
Como eu doce porvir.

Inda hoje me recordo,
Desse tempo de loucura;
Vejo inda de meu anjo,
Scintillar a formusura;
Mas ai triste, a minha sorte,
Tem por goso a desventura.

II.

Se houvesse no mundo inda um vivente,
Que amasse innocentemente olhos formosos:
Oh! falla não mintas, não mintas agora,
Não era uma aurora de enlevos ditosos?

Não era agradável ao pobre cantor,
Instinctos d'amor inspirados por ti?
Se era meu anjo, e a vida passando,
Iria arrastando perfumes p'ra si.

Iria risonho, iria donzella,
Louvando com ella perfumes, incantos,
E tu enlevada no vício das crenças
Que dizes, que pensas, em risos ou prantos?

III.

Não fallas? já sei estás dormente
Não ouves o cantor
Do teu— amor!

Nem te importa que viva gemebundo
Como no deserto
O trovador!

Assim o queres, mas ouve não te esqueças?
Do que sabes
Como eu sei.

E se julgas loucura amar um anjo,
Fica certa
Que nunca amei.

Lembro-me só de uma sombra vaporosa?
Um incanto!
Ou visão.

E se em sonhos julguei que fosse um anjo
Acredita,
Era illusão.

IV.

Mas nas horas socegadas,
Inda vejo que reluz
Essa idéa seductora,
Que a mim serviu de cruz,
No tempo em que sonhara,
De amor brilhante luz.

Agora que me recordo
Do anjo que me prendeu
Estou triste meditando
Se é vivo, ou se morreu
Morrer?! não oh! elle vive
E' que de mim s'esqueceu.

Frausina.

Bella Frausina, depois que amei-te...
Agora alegre nem sequer me vez,
O bosque muda, a flor desfolha
Hoje me amas e amanhã talvez!...

A's vezes gasta-se um amor immenso
E uma saudade, nem em troca cabe,
Agora grinaldas e depois martirios!...
Hoje me amas e amanhã— quem sabe?

Adeos ! Frausina, que importa a alma,
Que ainda absorta um suspiro deu ?
A morte queria, resignado e santo
Ao ouvir pungente d'um suspiro teu.

Falhei-te um dia desta chama ardente
Que muitas vezes popular senti,
E em teus olhos scintillantes, bellos
Um — sim — ainda virginal, eu li ! ...

Dei-te minh'alma de pureza cheia,
Dei-te meus aís de saudade infinda,
Darei a vida de mirrado pranto,
Se mais desejas possuir ainda ! !

Passei a vida torturado e triste
Nutrindo dores d'um soffrir profundo,
A vida puz a teus pés choroso,
Para a vida gozar d'um só segundo.

Basta, recebe quando a noite
Abrir seu manto, uma saudade minha
E lembra ao menos em teu peito santo
De quem no mundo só por ti definha.

CARLOS DE GUSMÃO.

A flor.

(MILLEVÖYE.)

Desprezadas pelo chão,
Jazem as folhas da flor...
Foi golpe do doro noto,
Que delas não teve dor.

A mesma sorte nos ceifa;
Cedemos aos rigores seus;
Um sopro se esvaece
O prazer nos diz adeus...

O homem perdendo então
Da vida doce chimera;
O erro em que estivera
Pergunta-o a si com dor :
— Qual será mais ephemera ?
Se é a vida ou a flor.

JOSÉ ANTONIO FERNANDES DA FONSECA.

PALESTRA

Ghegaste apropósito, meu caro Alfredo. disse Jorge indicando uma cadeira a seu primo.

O que estas tu ahí escrevendo ?

O fructo que aproveitei da descrição que me fizeste relativa à S. D. P. Triâna e Um de Outubro. Eu de escola dramatica não pisco um bocadinho, porém graças à tua narração, posso escrever afelamente.

Para que, explica-te, que é isso ?

E' a chronica theatrical dessa sociedade que me pedirão para o Archivo Litterario.

Agora comprehendo, lá.

Alto lá, quando sahir à luz então poderás saeciar o teu desejo.

Como quizeres; porém consta-me que um socio dessa sociedade, querendo vingar-se da segunda dama que faltou no dia da recita, teve a valentia e coragem de lhe offerecer com uma bengalla, o que não pôde realizar por ser acompanhada por um cavalleiro, que apenas o impedia, porém, que não soube repelir a affronta de um homem tão nobre e digno que teve o arrojo de levantar uma bengalla para bater n'uma mulher fragil e sem defeza ! !

Que valentão, disse Jorge, se conhecesse esse sujeito, dir-lhe-hia que quando quiser mostrar força não a vá experimentar com uma mulher.

Penso da mesma maneira, porém tudo isso são fraquezas de muitos que conheço.

Tambem ouvi dizer que ella não fez parte da recita porque lhe derão tanto dinheiro que nem ella o chegou a tocar.

Mudemos de conversa, olha a perfeição com que está tirado este meu retrato.

E' verdade, está tirado com tal esmero que me desperta o gozo de te imitar, mandando tirar o meu : mas para isso é preciso que me digas aonde o mandaste tirar.

Na photographia do Cruzeiro do Sul, rua do Ouvidor n. 123. Aonde a dama, ainda a mais faceira, encontrará a cópia fiel de seus encantos, e o cavalheiro ainda o mais impertinente para este trabalho, nada ficará a desejar; além disto ha alli

um sortimento de riquissimos quadros, molduras, álbuns, e outros muitos objectos, que vende por preço o mais raseavel.

Se assim é, eu tenho immenso gozo de recommendar essa casa aos meus numerosos amigos.

Sim, e verás que o Illm. Sr. Dr. Pedro de Alcantara Serdenberg, (proprietario) é digno e merecedor da nossa estima e consideração.

Foste-vós o incendio que se manifestou no trapiche do Bastos, na noite de quinta-feira.

Não, e tu foste ?

Fui, e ainda sinto o coração impressionado só com a lembrança desse quadro medonho e horroroso !!! A confusão e alarido, e tumulto, reinava por toda a parte, e ahí pôde avaliar o animo e coragem de homens que, ocupando elevados lugares na sociedade, misturados de pernício com a massa do povo, reanimando ao trabalho aquelles, cujas forças se extinguíao ao abrazado fogo das chamas. Folgamos de vér o Exm. Sr. Dr. chefe de polícia João Caetano de Andrade Pinto, ser dos primeiros a comparecer no lugar do incendio, revestido de uma coragem e animosidade que muito honra e ennobrece a santa missão e o distineto lugar que ocupa.

Dizem que o prejuizo é grandioso.

Pela manhã, nada mais restava alem de algumas paredes pouco seguras, e um montão de ruinas ainda fumegantes. Com tudo admira que ficando ali em frente e perto do lugar uma guarda, como seja a da Academia de Marinha, não tivesse dado fé e descoberto vestígios de incendio senão depois que elle lavrava em chamas assustadoras.

Advinhacão.

Sou d'exquise figura,
Sou gordo e pouco forte,
A minha maior gordura,
E' causa de minha morte.

ALVES GUIMARÃES.

Os Srs. assignantes que não receberem a folha com regularidade, temão a bondade de comunicar no escriptorio da redacção, rua da Lampadoza n. 52, aonde serão attendida qualquer reclamação.

Rio de Janeiro.

Typ. e Lit. Económica, rua dos Ladeiros n. 34.